

O Violino e o Mestre

1.

Charles Dickdericht era austríaco. Andara na II Grande Guerra Mundial. Conseguiu fugir para Portugal, onde foi professor, primeiro, e depois director do Instituto Alemão no Porto, até ser velhinho. Como ele, e por outras vias, outros vieram. E foi assim que eu tive a sorte de ter, nos meus princípios, uma elite de professores austríacos, alemães e húngaros, e um punhado de portugueses muito bons.

Sábio e culto, um artista na pintura e no canto, mestre exímio na música, excelso no violino, e místico. Desenhou e dirigiu ele próprio a construção do edifício onde estudávamos, e decorou-o, em conjugações incomuns, de harmonia plena e de ousadia, com figurações e cores. Ainda lá está, altaneiro, na Madre de Deus, em Guimarães, em frente à colina sagrada, onde tudo evoca D. Afonso Henriques, e as raízes dum povo.

À direita, no primeiro andar, havia um conjunto de pequenas salas individuais, insonorizadas, lindamente pintadas de cores contrastivas e vivas, cada uma com as suas. Eram obra dele. Todas tinham nome: Mozart, Wagner, Liszt, Beethoven, Verdi. Um belo dia veio um órgão para a sala Mozart, e logo o aviso para quem quisesse. E três quiseram. Dickdericht já lá estava à espera.

2.

Primeiro foram as escalas. Uma a uma. As maiores e as menores. Todas. E, em pouco tempo, mais dois órgãos, e a sala Mozart ficou só para mim.

Às escalas seguiram-se os acordes, que ele adaptava para mãos de onze anos. Cedo entramos nos clássicos, trecho a trecho, peça a peça. E, em dois anos, já eu tocava, na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, missas de autor em Latim. Vieram depois os violinos, mas ele disse-me que não. Primeiro, seria o piano. Mas não houve tempo.

Também na pintura e no desenho aprendi com ele. Descobri que tinha jeito para alguma coisa pouca, mas também não houve tempo. Ficou-me o gosto, o que já foi bom. Também na leitura ele interferiu. Viu-me um dia pasmado em frente às estantes, descobriu que aqueles títulos já não eram para mim, e passou a fornecer-me livros da sua biblioteca, levando-me a leituras de maior fôlego e dimensão: Walter Scott, Fabíola, Os Dez Mandamentos, Spartacus, Ben-Hur, Quo Vadis.

Ligada ao edifício central, uma pequena ala, quase escondida, só com rés-do-chão, rompia pela mata dentro, por entre os carvalhos velhos, e terminava junto a um pequeno lago. Era o retiro do artista. Aí ficava o seu quarto, uma pequena capela privada, e uma biblioteca, que era também o seu escritório, e onde havia um piano e um violino encantado, que se ouvia, mas nunca se mostrava.

3.

Era o violino a sua paixão maior. E que melodia tão bem que tocava. O violino gemia e chorava, ria e falava, num enamoramento apaixonado tão, de alegria tanta, tristeza tamanha, amor de perdição, trágica paixão, cicio e carícia, água em movimento, aves do céu, fogo de dragão, pura sedução. Quando tocavam, violino e mestre, fundiam-se, indistintos, em canto e adoração. E nasceram lendas.

E quando estava quente, e em dias raros, e a altas horas, o som do violino entrava pela noite dentro, por entre os carvalhos, catedrais antigas. Quase clandestinos, tocavam sozinhos, o artista e ele. Nunca se mostravam. Nunca foram vistos. Até se dizia que, quando tocavam, se transfiguravam nas ondas do som que subiam, e só voltavam, em eco, à terra, quando batiam à porta do céu, e deus as mandava de regresso a casa, onde deviam. Era o que diziam.

Alongada a noite, silêncio profundo, ouvido apurado, três rapazes escutavam, a ver se ouviam um indício mínimo de que o som viria. Então, se, e quando, saltavam da cama e, pé ante pé, por entre as adormecidas muitas, saíam dali. Chegados ao sótão, abriam a porta, que dava para o terraço, do lado de fora, e subiam, então, pela noite acima, até ao telhado, onde se deitavam. Eram sempre os mesmos. Eram sempre três.

Cinco andares abaixo, trinta metros em frente, a fonte da música, violino e mestre, brotava, subindo pela hipotenusa até ao telhado, onde. E os que deitados eram só ouvidos. Nem uma palavra, nem um movimento, esquecidos do mundo, esquecidos do tempo, esquecidos de si, de tudo abstractos, num enlevo de alma. Música, apenas. E no céu estrelas.

4.

Adormeceram um dia, no embalo doce do som, e suave, que os levou em sonho à montanha sagrada, onde a música nasce, e a sede dela. Foi lá que se deu o milagre do primeiro som, que criou os outros, e nos deu, divina, a semente do verbo que canta da vida a beleza e a sabedoria. De música era o vento, nessa montanha primeira abençoada, a dança das folhas nela, e das sombras, e cada gota de água. E, nas alamedas, outros como eles, plantavam sonhos, na língua primeira das aves.

A música os levou por dentro. Viajaram pelo firmamento em fios de luz de filamentos. Os corpos ficaram vazios no telhado, à espera da alma que voltasse. Quando acordaram, era de manhã. Tinham subido ao telhado e haviam viajado noutra dimensão. E isso era proibido. Houve um julgamento. Disseram a verdade. Viram o incorpóreo azul sagrado. Ouviram a fonte do som criador, onde o dito era cumprido e era honrado. Era o paraíso, aos homens há muito prometido, mesmo ali ao lado. E era isso o que queriam e procuravam.

Bem lhes disseram que se calassem. Que negassem tudo, e seriam perdoados. Que tudo era ilusão. Que o que diziam era contra a lei, e subversivo. Ameaçaram-nos. Mas disseram que não, e não se calaram. Não mais poderiam negar o sagrado visto. Havia aprendido a magia da música, bebido do sonho sibilino, da poesia pura e divina. Não negariam nunca os seus ideais. Hierática, a justiça desdentada condenou-os. Tiveram que partir. Desapareceram. Levaram consigo do mestre a alma e a do violino.

5.

Na hora da partida, tinha eu quinze anos, fomos despedir-nos de Charles Dickdericht. Afagou-me os cabelos compridos e loiros, caso nunca visto, pegou no violino encantado, que sabíamos, mas não víamos nunca, levou-nos até à sala Mozart, escolheu a pauta, e tocamos ambos, da fúria possessos, como nunca antes. Tomou-nos, então, um a um nos braços. E quando, por fim, chegou a minha vez, afagou-me, com a mão do arco, outra vez os cabelos, e disse-me baixinho:

– Serás um grande homem, ou um grande desgraçado.

Percebi mais tarde o sentido das palavras que me disse. Envelheci apoiado nelas. Não fui grande nem fui desgraçado. Mas fui aquele que, por onde passou, honrou pai e mãe, e os mestres que guardou no coração, e ainda. E se isso não é ser grande, está muito longe de ser pequeno. E só falta agora ainda saber, dos que partiram, como foi depois. E é muito simples.

Erram pelo mundo, com os como eles. Mas regressam sempre à terra do seu chão. Andam por aí. Da névoa saídos, descem das montanhas, surgem dos desertos, caminham sobre as águas. Têm algibeiras cheias de sementes. E trazem ainda, consigo no peito, a alma do mestre e a do violino. Sabem da solidão, da força do verbo e da razão. Mas ninguém os ouve. São os homens loucos, poetas e profetas, cada vez mais poucos.

NOTA BIOGRÁFICA

António Manuel Rodrigues da Mota (1950), natural de Portela das Cabras, Vila Verde, Braga. Completou o ensino Secundário nos Estados Unidos da América (USA), em Milwaukee, Wisconsin, na qualidade de bolseiro. Frequentou a Faculdade de Direito, em Coimbra. Licenciado em Ensino de Português e Inglês, UM (Universidade do Minho), onde frequentou o mestrado em Língua e Literatura Portuguesa. É autor de trabalhos de índole literária, em termos de análise crítica e de criação, dispersos por mais de uma dezena de colectâneas da especialidade, revistas diversas e imprensa local.